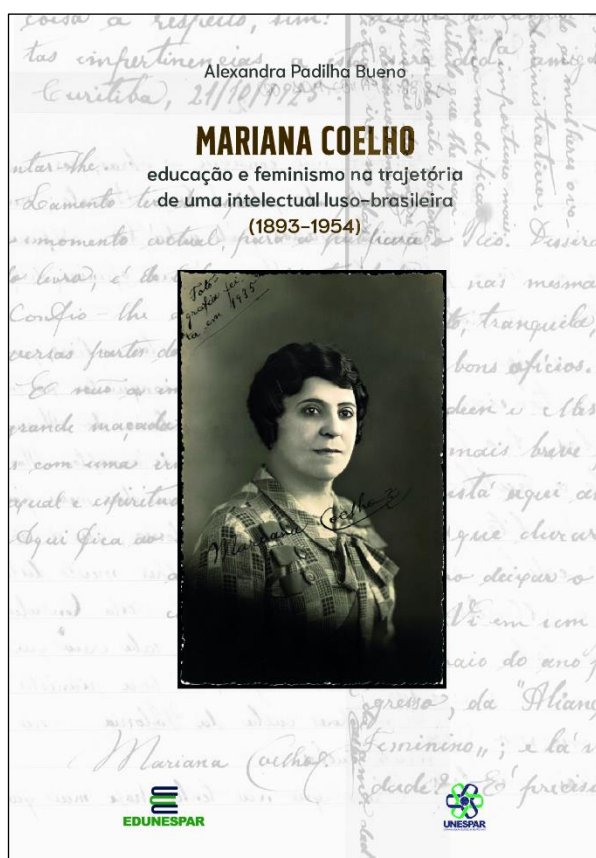


**Educação e Feminismo na trajetória de Mariana Coelho:
reflexões sobre uma intelectual luso-brasileira (1893-1954).**

Education and Feminism in the Life of Mariana Coelho:
Reflections on a Portuguese-Brazilian Intellectual (1893-1954).

Educación y feminismo en la trayectoria de Mariana Coelho:
reflexiones sobre una intelectual luso-brasileña (1893-1954).

Luciana Aparecida Santos Moraes
Universidade Federal de Uberlândia (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-2373-6024>
<http://lattes.cnpq.br/7682890269732951>
luciana.moraes@ufu.br



BUENO. Alexandra Padilha. *Mariana Coelho: educação e feminismo na trajetória de uma intelectual luso-brasileira (1893-1954)*. Paranavaí/PR: Edunespar, 2024. 137 p.

A obra *Mariana Coelho: educação e feminismo na trajetória de uma intelectual luso-brasileira (1893–1954)*, de Alexandra Padilha Bueno, publicada pela Edunespar em 2024, constitui uma significativa contribuição para o campo da História da Educação, bem como dos estudos sobre gênero e para a História Intelectual no Brasil.

No prefácio escrito por Carlos Eduardo Vieira, ressalta-se que o livro constitui uma obra teórica e analítica, fugindo das armadilhas da mitificação e do “teoricismo”. Para ele, a autora reconstrói, com base em documentos e sólida fundamentação teórica, a trajetória de Mariana Coelho, uma mulher imigrante, solteira, escritora e educadora, que se destacou em um espaço social e cultural fortemente masculinizado: o cenário intelectual curitibano entre 1893 e 1940.

No primeiro capítulo, intitulado *A construção de uma trajetória intelectual na capital paranaense*, Bueno dedica-se a investigar os elementos que compuseram o processo de inserção social, cultural e intelectual de Mariana Coelho em Curitiba, após sua imigração de Portugal. O capítulo está dividido em três seções: *Memórias lusitanas*; *Uma voz portuguesa em Curitiba*; *Identidade de mulher pública*.

Em *Memórias lusitanas*, a autora revisita a origem portuguesa de Mariana Coelho, com abordagem de sua provável data de nascimento (1857) e a escassez de registros sobre sua vida anterior à chegada a Curitiba, em 1892. A autora analisa memórias literárias presentes em obras como *Cambiantes* (1940) e *O Paraná Mental* (1908), destacando a maneira como Mariana Coelho constrói imagens da modernidade curitibana, em contraste com sua vida em Portugal. Essa construção simbólica revela um traço de adesão ao discurso progressista que pautaria sua atuação posterior.

Bueno destaca o ingresso de Mariana Coelho na vida intelectual da cidade. A análise evidencia que, embora a escritora não possuísse titulação acadêmica, ela se valeu de uma sólida rede de relações sociais, especialmente da mediação de seu irmão, Carlos Alberto Teixeira Coelho, o qual proporcionou o contato de Mariana Coelho com autores anarquistas e socialistas, além de abrir portas para as primeiras publicações, utilizando essas conexões e sua produção textual como instrumentos de reconhecimento público, conquistando legitimidade em um espaço dominado por homens e marcado pela exclusão de vozes femininas.

Em *Uma voz portuguesa em Curitiba*, segunda seção do primeiro capítulo, Bueno mostra como Mariana Coelho manobra sua identidade portuguesa para se legitimar: invoca cultura lusitana quando quer prestígio ou vitimização e a utiliza para rebater críticas, como no embate jornalístico com Júlio Pernetta, nos periódicos *Diário da Tarde* e *O Commercio*. Nessa discussão, Mariana Coelho defendeu a colonização portuguesa no Brasil com base em argumentos patrióticos e evolucionistas. Justificou a violência contra indígenas como autodefesa, aprovou o envio de condenados ao país e legitimou a utilização de indígenas e negros como escravos, entendendo tal prática como parte do processo civilizador. Orgulhosa de sua origem, exaltava os feitos lusitanos como fundamentais para o progresso brasileiro. De acordo com a autora:

Apoiada na crença de que o processo de colonização lusitana fora apenas uma etapa, possível, esperada e necessária para evolução de um Brasil descoberto selvagem, Mariana Coelho sustenta uma visão autoritária e eurocêntrica do processo civilizatório. Em sua concepção, negar a importância da colonização portuguesa para o Brasil era o mesmo que ignorar o progresso e a civilização e regredir historicamente para um mundo arcaico e incivilizado (BUENO, 2024, p.53).

A atuação de Mariana Coelho revela seu engajamento com a emancipação feminina e uma postura crítica diante da sociedade de seu tempo. Com personalidade enérgica, manifestou suas convicções em escritos, disputas e debates públicos.

Em *Identidade de mulher pública*, terceira seção do primeiro capítulo, Bueno analisa como Mariana Coelho construiu uma imagem intelectual feminista e atuante, desafiando os papéis tradicionais atribuídos às mulheres de sua época. Celibatária por opção ou imposição social, Mariana Coelho expressava, de forma crítica, o conservadorismo que cerceava as mulheres cultas (letradas). Com firmeza e ironia, denunciava o preconceito contra as mulheres instruídas e reivindicava a presença feminina na esfera pública.

Em seus escritos, especialmente em *A Evolução do Feminismo e Cambiantes*, Mariana Coelho abordava como pensa o amor ideal, criticava o casamento e satirizava homens que temiam a autonomia intelectual das mulheres. Sua atuação como professora e escritora simboliza a “nova mulher” que emerge no início do século XX, rompendo fronteiras e abrindo espaço para outras intelectuais, em meio à lenta transformação social e cultural de Curitiba.

No segundo capítulo, intitulado *Trajetórias entrecruzadas: Mariana Coelho e os intelectuais paranaenses*, Bueno aprofunda a análise da inserção da personagem estudada no universo intelectual curitibano, destacando as tensões, as alianças e as disputas que marcaram sua atuação como mulher intelectual em um espaço predominantemente masculino. Bueno investiga como Mariana Coelho projetou-se publicamente e construiu sua legitimidade por meio da participação ativa em “uma rede de sociabilidade que permitia que sua escrita fosse publicada e bem recebida” (Bueno, 2024, p.61). Também este segundo capítulo, estrutura-se em três seções: *Espaços de divulgação e circulação*; *Uma presença feminina entre pares masculinos*; *Emancipação feminina em debate*.

Na primeira seção do segundo capítulo, *Espaços de divulgação e circulação*, Bueno descreve os veículos e instituições que possibilitaram a Mariana Coelho visibilidade como escritora e educadora. Em *Uma presença feminina entre pares masculinos*, segunda seção do segundo capítulo, a autora inicia destacando a primeira obra de Mariana Coelho, intitulada *O Paraná Mental*, que foi publicada no Brasil e escrita para a Exposição Nacional com duplo objetivo: afirmar o campo cultural curitibano e consolidar sua própria posição como intelectual. Com esse livro, ela buscava “reafirmar a identidade intelectual daqueles que, na opinião de Mariana Coelho, mereciam destaque” (Bueno, 2024, p.62). Mariana Coelho soube articular sua capacidade intelectual, redes de sociabilidade e prestígio familiar para se inserir no meio cultural curitibano. Contou com o apoio de figuras como Rocha Pombo (seu principal prefaciador), bem como o reconhecimento de nomes como Dario Vellozo, Romário Martins, Silveira Netto, Emiliano Pernetta, Julio Pernetta e Nestor de Castro, o que fortaleceu sua posição como mulher intelectual.

Em seguida, Bueno destaca os desafios enfrentados por Mariana Coelho ao atuar em um meio letrado dominado por homens. Sua postura crítica, pública e feminina provocava reações desconfortáveis, mas também reafirmava sua força como intelectual. Consciente do preconceito às mulheres cultas, Mariana Coelho afirmava: “há escritores que em tudo admitem o progresso, menos no desenvolvimento intelectual e social do sexo feminino!” (Coelho, 1908, p.93).

Em *Emancipação feminina em debate*, terceira e última seção do segundo capítulo, Bueno enfatiza que o grupo de livres-pensadores de Curitiba, com o qual Mariana Coelho alinhava-se, defendia a autonomia intelectual e a razão, combatendo o dogmatismo e a influência da Igreja Católica sobre o pensamento e a ação social. Bueno demonstra que Mariana Coelho atuou de forma pioneira na defesa da emancipação feminina, articulando sua atuação

intelectual com os debates sobre direitos civis, educação e igualdade entre os sexos. Destaca, ainda, que a autora não apenas escrevia sobre feminismo, mas vivia coerentemente com os princípios que defendia, desafiando as normas de gênero de sua época.

Mariana Coelho defendia a emancipação das mulheres por meio da educação e da atuação pública. Bueno também relata sua participação ativa na defesa do voto feminino como instrumento para garantir igualdade e cidadania. Em discussões travadas na imprensa com Nestor de Castro, ambos concordavam que “a emancipação feminina seria alcançada com a evolução natural da sociedade e o preparo intelectual das mulheres” (Bueno, 2024, p.83-4). Essas trocas entre Mariana Coelho e Nestor Castro, ilustram o esforço feminino por espaço público em uma época que ainda reforçava o confinamento doméstico. Esse contexto revela tensões entre a tradição e os primeiros passos das mulheres rumo à vida política e intelectual.

O terceiro capítulo, intitulado *Experiências Educacionais*, este estruturado em quatro seções: *Mariana Coelho e a missão do ensino*; *Inventores, cientistas, professores e políticos no Colégio Santos Dumont*; *Escola Profissional Feminina*; *Educação Feminina: uma janela para o futuro*. Logo na primeira seção do terceiro capítulo: *Mariana Coelho e a missão do ensino*, Bueno examina o papel central que a educação desempenhou na trajetória da autora, ressaltando-a como eixo estruturante de sua trajetória intelectual, social e política. Embora tenha iniciado sua produção escrita em 1887, foi como educadora que encontrou não apenas seu sustento, mas também o espaço para aplicar, na prática, as teorias pedagógicas em que acreditava.

Um marco dessa missão foi a fundação, em 1902, do Colégio Santos Dumont, iniciativa que materializou seus ideais pedagógicos e contou com o apoio de “homens atuantes no campo intelectual paranaense” (Bueno, 2024, p.89), como Sebastião Paraná e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo. Sebastião Paraná não só divulgou o colégio em artigos, referindo-se a ele como “um excelente estabelecimento de ensino” (Paraná, 1902, p.01), como o recomendou publicamente, afirmando ser dirigido por “uma moça distintíssima, que se impôs ao respeito da culta sociedade curitibana” (Paraná, 1902, p.01).

A instituição também refletia preocupações modernas com higiene, espaço escolar e método pedagógico, descrita pelo autor como “sala espaçosa, asseada, com todos os requisitos reclamados pela higiene escolar” (Paraná, 1902, p.01). Já Azevedo Macedo, outro apoiador, via na educação feminina uma estratégia para fortalecer a mulher como chefe de família, propondo que fosse mais prática e permitisse à mulher “suportar e resistir a todas as rajadas da adversidade” (Macedo, 1907, p.69).

Mariana Coelho adotou, inicialmente, o “Método João de Deus”¹, considerado moderno e científico para alfabetizar crianças, e incluiu no currículo o ensino de “prendas domésticas e música para as meninas” (Bueno, 2024, p.92). Ela acreditava que era imprescindível educar a mulher para que deixasse a “tradicional treva da sua ignorância” e para que deixasse de ser “um animal doméstico” (Coelho, 1908, p.95). Embora defendesse a emancipação feminina pelo voto e pela instrução, Mariana Coelho temia uma ruptura com o lar, sustentando que essa emancipação deveria ser “tão justamente compreendida que não isole o vulto feminino de toda essa atraente e doce poesia que o cerca no lar” (Coelho, 1908, p.94). Ela criticava os “exageros” do feminismo, pois entendia que “o ideal para a emancipação das mulheres casadas e mães de família era a conciliação entre o mundo doméstico e a vida pública” (Bueno, 2024, p.98).

Em *Inventores, cientistas, professores e políticos no Colégio Santos Dumont*, segunda seção do terceiro capítulo, Bueno explora como o Colégio Santos Dumont, fundado por Mariana Coelho em 1902, tornou-se não apenas um espaço escolar, mas também um ambiente de circulação e influência de nomes importantes da vida cultural, política e

¹ O método João de Deus, também conhecido como método da palavrão, era uma abordagem de ensino de leitura que partia da palavra, em seguida, era analisada pelos valores fonéticos das letras.

científica no Paraná. Tal dinâmica reforça o papel de Mariana Coelho como uma intelectual estrategista, comprometida com a formação das novas gerações e com a inserção da mulher nesse cenário modernizador.

Mariana Coelho adaptou sua escola às exigências pedagógicas e sanitárias do início do século XX, incorporando ao currículo não apenas disciplinas tradicionais, mas também noções de higiene, ginástica e moral. Entre 1907 e 1916, o Colégio Santos Dumont sofreu significativa redução no número de professores (de 10 para 4) e de alunos (de 90 para 22), encerrando suas atividades em 1918. Embora não existam documentos conclusivos sobre as causas do fechamento, é provável que crises políticas, econômicas e sociais: como a Primeira Guerra Mundial e o surto de febre tifoide em Curitiba, tenham contribuído para a descontinuidade da escola.

Em *Escola Profissional Feminina*, terceira seção do terceiro capítulo, Bueno relata a trajetória de Mariana Coelho à frente da Escola Profissional Feminina, a partir de 1918, revelando não apenas o papel ativo que exerceu na administração e modernização do ensino feminino no Paraná, mas também as contradições sociais do período. Em resumo, Mariana Coelho, enfrentou precariedades estruturais e buscou autonomia financeira para a instituição.

Além disso, em 1930, Mariana Coelho aderiu ao governo revolucionário, percebendo no novo regime a oportunidade de concretizar seu projeto de vida: a profissionalização da mulher. O cenário político e intelectual havia se transformado e, Mariana Coelho passou a reconhecer e apoiar o papel estatal como mediador nas questões sociais, abandonando suas antigas ideias anarquistas e contrárias ao Estado.

Em *Educação feminina: uma janela para o futuro*, quarta e última seção do terceiro capítulo, Bueno destaca a complexidade do pensamento educacional e feminista de Mariana Coelho que ao longo de sua trajetória, oscilou entre posturas igualitárias e uma visão dualista dos papéis femininos. Conforme analisa Bueno, Mariana Coelho “propunha tornar a mulher participante da agitação da vida social, nas oficinas de trabalho ou no reduto íntimo da Nação, sem exceder os limites impostos pela sociedade de então” (Bueno, 2024. p.116), revelando uma concepção que, embora avançada para sua época, ainda se articulava no interior das fronteiras do aceitável socialmente.

Em suas propostas e práticas, Mariana Coelho buscou conciliar a necessidade de modernizar a educação feminina e prepará-la para a inserção no trabalho, sem abdicar dos valores tradicionais associados ao lar. Essa ambiguidade reflete, simultaneamente, as tensões sociais do período e as estratégias de uma intelectual que pretendia ampliar as possibilidades femininas sem romper radicalmente com as normas vigentes.

Bueno conclui evidenciando a importância histórica e intelectual de Mariana Coelho, destacando sua militância pela educação feminina e pela ampliação dos espaços de participação social das mulheres. Apesar de não possuir formação escolar formal, Mariana Coelho construiu ampla base cultural, o que lhe permitiu não apenas transitar pelos círculos culturais curitibanos, mas também afirmar-se como uma das vozes mais atuantes na defesa dos direitos femininos na imprensa e nas instituições literárias e sociais.

Por fim, Bueno apresenta como Mariana Coelho utilizou habilmente seu capital social e familiar para inserir-se em ambientes anteriormente restritos, aproximando-se de intelectuais livres-pensadores e de organizações feministas. Essa rede de sociabilidade foi fundamental para a publicação e divulgação de suas ideias, garantindo espaço para seus textos em jornais como o *Diário da Tarde* e *A República*, além de revistas portuguesas e periódicos do Rio de Janeiro. Como destaca Bueno, Mariana Coelho “assumiu a educação como fundamental para o desenvolvimento e progresso da Nação e entendia como inevitável a inclusão das mulheres nesse processo (Bueno, 2024 p.121).